

UMA HISTÓRIA, MÚLTIPLAS EXPERIÊNCIAS – VIVENCIANDO “OS TRÊS PORQUINHOS” COM AS CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Laryssa Pereira Sena ¹
Rojane de Souza Brasil Oliveira ²
Antônio Marcos Murta ³

RESUMO

O presente relato de experiência apresenta o resultado de vivência desenvolvida no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), subprojeto Alfabetização, junto a crianças de 2 a 4 anos (Maternal II e III), na Creche Municipal José Geraldo Vieira – ASFA, na cidade de Ouro Branco, MG. Tal vivência consistiu na contação do clássico infantil “Os três porquinhos”, seguida de experiência artístico-sensorial desenvolvida pelas bolsistas licenciandas em Pedagogia do IFMG *campus* Ouro Branco. A vivência explorou o campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, o qual assinala que o contato com a literatura infantil favorece o apreço à leitura, estimula a imaginação e amplia o repertório de conhecimentos sobre o mundo (BNCC, 2017). No encontro com a criança, as histórias adquirem concretude como experiências vivas, transcendendo o texto e ganhando forma. Para a contação, foram utilizados fantoches em tecido e casas confeccionadas em papelão, serragem e palito de picolé (representando tijolo, palha e madeira) que despertaram o interesse e permitiram experiências sensoriais iniciais com a turma, dentro da sala de aula. Em seguida, os alunos foram levados à parte externa da creche, para um segundo momento de exploração com os materiais representativos da história (serragem, palito e retalhos de papel vermelho), papel pardo e cola branca. Estes foram disponibilizados de forma a permitir livre acesso e escolha de quando, como e quanto utilizar. A partir do entendimento de que é preciso valorizar a autonomia e o protagonismo das crianças, optou-se por uma mínima interferência no processo criativo, deixando que elas explorassem os materiais de forma espontânea e prazerosa. Os resultados foram registrados em fotos mostrando a diversidade, criatividade, interação e entusiasmo das turmas na atividade proposta, reafirmando o potencial da contação de histórias como recurso catalizador de experiências significativas na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, PIBID, Contação de histórias.

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, estabelece cinco

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *campus* Ouro Branco - MG; laryssapereirasenadias@outlook.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *campus* Ouro Branco - MG, drarojane@hotmail.com ;

³ Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *campus* Ouro Branco - MG. marcos.murta@ifmg.edu.br





campos de experiências para a Educação Infantil. Os campos indicam as vivências essenciais para o aprendizado e desenvolvimento das crianças de zero a cinco anos e onze meses: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Em se tratando do campo de experiências *escuta, fala, pensamento e imaginação*, a BNCC (Brasil, 2017) assinala que o contato com a literatura infantil, mediado pelo professor, favorece o apreço à leitura, estimula a imaginação e amplia o repertório de conhecimentos sobre o mundo por parte das crianças. Ainda segundo o documento:

“[...] é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupos e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.” (BRASIL, 2017, p. 40).

No processo de contação de histórias, Silva, Hermida e Calabria (2009) afirmam que no encontro com a criança, as narrativas adquirem concretude como experiências vivas, transcendendo o texto e ganhando forma. Nesse sentido, além de contar histórias, é preciso que o professor ofereça a oportunidade às crianças de vivenciá-las de forma concreta.

Segundo a perspectiva apresentada por Guizzo, Balduzzi e Lazzari (2019), a prática docente deve estar alicerçada na compreensão de que as crianças são protagonistas do processo educativo, devendo participar ativamente das decisões e das ações que compõem o cotidiano pedagógico da instituição em que estão inseridas. Nesse sentido, Oliveira-Formosinho e Formosinho afirmam que “a urgência de descobrir e resgatar a criança na ação, na experiência, na interação é enorme, fugindo à estratégia de meramente enriquecer o discurso mantendo a pobreza das práticas” (OLIVEIRA-FORMOSINHO E FORMOSINHO, 2017, p.119)

A vivência aqui apresentada foi planejada a partir do reconhecimento dessa urgência em enriquecer as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil, avançando de uma contação de história meramente protagonizada pelo educador/contador, para uma multiplicidade de experiências compartilhadas com as crianças. A atividade foi desenvolvida no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), subprojeto Alfabetização, na Creche Municipal José Geraldo Vieira – ASFA, na cidade de Ouro Branco, MG, e consistiu na contação do clássico infantil *Os três porquinhos*, de Joseph Jacobs, seguida de experiência artístico-sensorial desenvolvida pelas bolsistas licenciandas em





Pedagogia do IFMG *campus Ouro Branco*. A experiência foi desenvolvida em duas turmas compostas por crianças de 2 a 4 anos (Maternal II e III), totalizando 28 alunos participantes.

A atividade desenvolveu-se em dois momentos: primeiramente, a contação da história com uso de recursos lúdicos e sensoriais, dentro da sala referência; num segundo momento, a livre exploração de materiais e desenvolvimento de uma colagem na área externa, com liberdade de criação plástica pelas crianças, sem interferência das bolsistas. Os resultados foram registrados em fotos mostrando a diversidade, criatividade, interação e entusiasmo das turmas na atividade proposta, reafirmando o potencial da contação de histórias como recurso catalizador de experiências significativas na Educação Infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os campos de experiências propostos pela BNCC (Brasil, 2017) ressaltam noções, habilidades, atitudes, valores e afetos que devem ser cultivados nas crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, visando assegurar seus direitos de aprendizagem. Nessa abordagem curricular, o conhecimento é adquirido por meio das experiências vivenciadas pelas crianças no ambiente escolar.

Segundo Fochi (2020), os campos de experiências oferecem suporte ao educador na elaboração de um planejamento centrado na criança. Isso implica a consideração de seus saberes, experiências, anseios, interesses, curiosidades, necessidades e ritmos de desenvolvimento. É fundamental que os contextos criados promovam brincadeiras, interações, investigações e explorações, proporcionando experiências nas quais as crianças possam expandir e aprofundar seus conhecimentos.

Para Vygotsky (1998), psicólogo interacionista, o texto literário propõe uma ação na esfera imaginativa e cria uma nova relação entre situações reais e situações imaginativas. Amplia, ainda, o campo de significados e auxilia na formação de relações entre os planos da vida real, da imaginação e da fantasia, em que se criam e se seguem regras para satisfação dos desejos. A contação de histórias configura-se, portanto, como um importante recurso capaz de proporcionar experiências significativas para as crianças.

Vista como um recurso, Bortolozo e Rocha (2023) apontam que a literatura infantil constitui um relevante mecanismo cultural, capaz de estimular a imaginação e a criatividade,





promovendo o prazer pela leitura, ampliando as possibilidades de experimentação e contribuindo para o enriquecimento das experiências discursivas das crianças.

Enfatizando a relevância da contação de histórias na infância, Abramovich (1997) destaca que o ato de ouvir narrativas constitui um passo fundamental para a formação do leitor, ao mesmo tempo em que estimula o imaginário infantil na busca por respostas às inúmeras questões que permeiam seu universo. Segundo a autora:

“ouvir histórias é momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... é encantamento, maravilhamento. Sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa)” (ABRAMOVICH, 1997, p. 24)

Contudo, não basta contar histórias. É preciso que a criança participe delas, vivenciando-as com todos os seus sentidos, apropriando-se delas e tendo a oportunidade de transformá-las e ressignificá-las. Oliveira-Formosinho (2007) enfatiza a persistência de práticas pedagógicas que, em muitos casos, ainda desconsideram o direito da criança de ser reconhecida como sujeito capaz e de participar ativamente dos processos educativos. Em virtude dessa constatação, a autora propõe uma Pedagogia da Infância fundamentada na práxis participativa, configurando-se como um espaço de interações voltadas à construção de projetos colaborativos, em contextos que favoreçam a participação não apenas dos educadores, mas, sobretudo, das próprias crianças.

Outrossim, como indicado por Bortolozo e Rocha (2023), ao recorrer ao trabalho com a literatura e às práticas discursivas colaborativas entre professores e alunos, não se deve nutrir expectativas de resultados imediatos, de caráter utilitário, empírico ou orientados por finalidades práticas baseadas no senso comum. O resultado não é a produção final, mas a experiência em si mesma.

METODOLOGIA

A escolha do clássico *Os três porquinhos* partiu da constatação do grande interesse e envolvimento das crianças sempre que a história era mencionada. Para a contação, foram utilizados fantoches em tecido e casas confeccionadas em papelão, serragem e palito de picolé (representando tijolo, palha e madeira). As casinhas foram acomodadas no chão e as crianças





se assentaram num tapete com o intuito de despertar o interesse e permitir experiências sensoriais iniciais com a turma, dentro da sala referência. Essa proximidade e igualdade de nível foi planejada para facilitar e estimular o envolvimento dos alunos. A história foi contada pelas bolsistas, sempre incentivando a participação das crianças através de perguntas e de pausas para que elas pudessem continuar a narração com suas próprias palavras.

Em seguida, os alunos foram levados à parte externa da creche, para um segundo momento de exploração com os materiais representativos da história (serragem, palito e retalhos de papel vermelho e marrom), papel pardo e cola branca. O ambiente foi previamente preparado, disponibilizando os materiais de forma a permitir às crianças livre acesso e escolha de quando, como e a quantidade a ser utilizada. A atividade proposta foi construir as casinhas dos porquinhos através da colagem. A partir do entendimento de que é preciso valorizar a autonomia e o protagonismo das crianças, optou-se por uma mínima interferência no processo criativo, deixando que elas explorassem os materiais de forma espontânea e prazerosa.

As vivências foram registradas em fotos espontâneas (não posadas) de maneira a captar momentos significativos das experiências dos alunos durante a atividade e possibilitar a observação e avaliação mais detalhada dos resultados obtidos com a prática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contação da história, já bastante conhecida pelas crianças, usando recursos visuais lúdicos e sensoriais, despertou interesse e gerou grande participação na atividade, em ambas as turmas. Todas as crianças se envolveram, explorando as texturas das casinhas, respondendo perguntas, completando partes da história, imitando o sopro do lobo ou cantando como os porquinhos. Mesmo as crianças mais tímidas sentiram-se à vontade enquanto ouviam a narrativa. A proximidade com os recursos e a liberdade para explorá-los deixou as crianças relaxadas e dispostas a interagir. (fotografia 1)



Fotografia 1 – Contação de história – crianças de 2 e 3 anos



Fonte: Evelyn Prisciliane (2025)

Uma dificuldade inicial das bolsistas foi dar total liberdade às crianças, uma vez que a prática de contação, em geral, envolve apenas a escuta silenciosa, e inclui a proibição intrínseca de tocar ou mesmo aproximar-se dos recursos. Em diversos momentos foi preciso intervir para que os adultos presentes permitissem a livre participação das crianças. Também foi necessário estimulá-las a isso, pois muitas se mostraram receosas. Tal observação vai ao encontro das preocupações de Oliveira-Formosinho (2007), que destaca a recorrência de práticas pedagógicas que negligenciam o direito da criança de ser reconhecida como sujeito competente e de participar de forma ativa nos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Nesse sentido, Carvalho e Fochi (2017) afirmam que é fundamental proporcionar às crianças experiências que estimulem sua participação ativa, deixem impressões significativas e possam ser retomadas em outros contextos, favorecendo um aprendizado contínuo e dinâmico.

De acordo com a BNCC, “parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças.” (BRASIL, 2017)

Planejando a partir dessa perspectiva foi proposta a ampliação da exploração da história através da prática artístico-sensorial na parte externa da creche. Assim, a partir da *escuta, fala, pensamento e imaginação*, acessamos outro campo de experiências: *traços, sons, cores e formas*. O ambiente foi previamente preparado, dispondo os materiais de maneira que as crianças tivessem livre acesso e pudessem escolher quais, quanto e de que forma eles seriam utilizados. Isso permitiu que as crianças explorassem os recursos com liberdade e criatividade,

sob uma mediação pedagógica voltada para a mínima interferência dos adultos que as observavam. As casinhas utilizadas na contação também foram disponibilizadas para a exploração sensorial. A respeito dessa mínima interferência, destacam-se as afirmações de Oliveira-Formosinho e Formosinho:

a mediação pedagógica é um modo de ser e estar com as crianças que exige, em muitos momentos, (...) a autorregulação profissional, isto é, a suspensão ética dos saberes, fazeres e poderes profissionais para permitir à criança, através da participação, o exercício dos seus próprios saberes, fazeres e poderes. Este silêncio suspensivo não significa inação, mas antes uma ação renovada, porque baseada nos saberes experienciais documentados de cada criança, do grupo e do profissional, que entram em diálogo. Esperar a resposta da criança, imprevisível e muitas vezes inesperada, e não procurar a resposta estandardizada. Suspende gestos e falas, escutar e esperar constitui-se num silêncio profissional que não é demissionário, mas expectante e respeitoso”. (OLIVEIRA-FORMOSINHO E FORMOSINHO, 2017, p.123)

Na perspectiva de Fochi, na maior parte das vezes, o educador deve intervir somente para garantir o bem-estar das crianças, sabendo “observar os processos de exploração das crianças pequenas a partir delas mesmas” (FOCHI, 2015, p.51). Assim, a opção consciente por uma mediação com mínima intervenção permitiu que as crianças expressassem toda sua criatividade e potência, participando com entusiasmo da exploração proposta e tendo respeitada sua individualidade.

Dentre os resultados observados, destaca-se a diversidade das produções, com crianças optando por usar todos os materiais, enquanto outras preferiram usar apenas um ou dois deles. Assim também, algumas crianças envolveram-se com interesse na colagem, cobrindo todo o papel pardo, enquanto outras preferiram explorar os materiais de outras formas, notadamente a serragem, que foi a preferida dos alunos. Uma das crianças decidiu fazer a colagem dos materiais fora do papel, criando sua própria “casinha”. O uso de materiais simples, de baixo custo e seguros para as crianças permitiu que elas realizassem uma exploração livre e prazerosa, sem limitações ou impedimentos, indo ao encontro da observação de Fochi e Redin: “os materiais que mais incentivam a criação ainda são os mais simples e mais abertos ao imaginário, pois brincar é uma atividade simbólica que permite a transformação constante.” (FOCHI; REDIN, 2014, p.53.) Assim, as crianças exploraram as múltiplas possibilidades proporcionadas pelos materiais ofertados, usando-os de acordo com suas escolhas até que eles se esgotassem. O engajamento das crianças mostra o valor do reconhecimento da autonomia e do protagonismo infantil para a promoção de uma aprendizagem plena de significado. (fotografia 2)



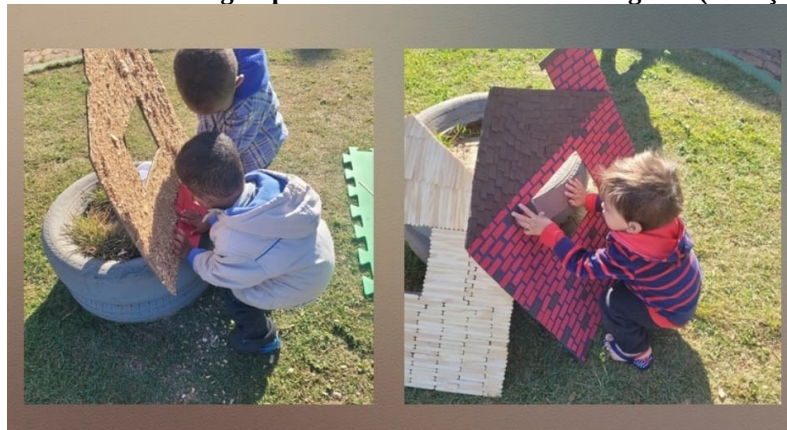
Fotografia 2 – Produções plásticas das crianças (2-4 anos)



Fonte: Rojane Brasil (2025)

Como exemplo dessa multiplicidade de sentidos, foi possível observar um aluno usando os “tijolos” (recortes de papel vermelho) para “fechar a janela” da casinha e outro usando o mesmo recurso para “reforçar” a casinha de palha (já que essa era a primeira a cair com o sopro do lobo). Abramovich (1997) ressalta a importância de contar histórias para crianças, de forma que escutá-las é um precedente para a formação de leitor, além de incitar seu imaginário para responder tantas questões existentes no mundo infantil. No caso da história dos três porquinhos, nota-se que as crianças identificaram a necessidade de protegê-los do ataque do lobo e, durante a exploração, criaram diferentes maneiras de solucionar o problema apresentado. (fotografia 3)

Fotografia 3 – Criando estratégias para tornar as casinhas mais seguras (crianças 2 – 4 anos)



Fonte: Laryssa Pereira (2025)



Outro ponto a destacar foi o entusiasmo e alegria que as crianças demonstraram durante a vivência, brincando com os materiais a elas oferecidos. Gritinhos e pulos de alegria, palmas e gargalhadas fizeram parte da paisagem sonora da experiência. Goldschmied e Jackson (2006), em obra que aborda o atendimento às crianças em creches, consideram como aspecto essencial do fazer pedagógico a certificação, por parte do educador, de que a criança esteja feliz. Na perspectiva de Colla (2019), o processo de ensino-aprendizagem deve preservar a ludicidade, especialmente na Educação Infantil. Para as crianças, o brincar constitui uma forma de autoprodução, por meio da qual se constroem e se transformam. As aprendizagens mais significativas são aquelas que despertam interesse, prazer e inserem a criança em um contexto lúdico, pois a brincadeira configura-se como uma linguagem essencial da infância, voltada não apenas ao entretenimento, mas à necessidade de conhecer e comunicar-se. Nesse sentido, a atividade mostrou-se extremamente eficaz em despertar o interesse de ambas as turmas, que passaram um tempo considerável envolvidas na exploração proposta, sem demonstrar tédio ou cansaço. (fotografia 4)

Fotografia 4 – Crianças de 3 – 5 anos produzindo o cenário da história



Fonte: Rojane Brasil (2025)

Como nos indica Alves (1994), o verdadeiro sentido do ensino está em despertar alegria e prazer no ato de aprender, pois cada disciplina deve ser vivenciada como um deleite para a alma. Assim, o educador realiza plenamente sua missão quando transmite aos alunos o mesmo entusiasmo que sente pelo conhecimento, tornando-se, nas palavras do autor, um verdadeiro “pastor da alegria”. De fato, proporcionar às crianças momentos de fruição e encantamento





trouxe imenso significado à nossa participação no programa de iniciação à docência, fortalecendo o vínculo com as turmas e permitindo-nos aplicar a teoria à prática.

Através do PIBID fez-se possível observar as práticas cotidianas da educação infantil, refletir sobre elas e assim ressignificá-las, desconstruindo uma pedagogia tradicional, centrada em métricas pragmáticas, e caminhando em direção a uma pedagogia participativa e relacional, voltada para a valorização das experiências cotidianas e pautada no respeito à criança como sujeito de direitos. Assim, cabe observar que, após o desenvolvimento da atividade com a turma do Maternal II, uma das educadoras que nos observava comentou que o trabalho com o Maternal III daria “mais resultado”, talvez numa indicação de que as crianças, à medida que crescem, são capazes de produções mais “estruturadas”. Compreende-se, contudo, que os resultados obtidos com a atividade não podem ser medidos em termos de finalidades práticas ou de caráter utilitário, como indicam Bortolozo e Rocha (2023). A intenção pedagógica da vivência consiste, outrossim, em garantir os direitos de aprendizagem elencados na BNCC: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, que são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, Carvalho e Fochi (2017) afirmam ser necessário repensar a didática escolar para acolher a complexidade das ações infantis, concentrando investimentos não em “ensinar”, mas em criar contextos que favoreçam as múltiplas possibilidades de aprendizado.

Para repensar, então, é preciso observar com atenção e avaliar com critério, a partir de registros consistentes. De acordo com Oliveira-Formosinho e Formosinho (2017), a documentação pedagógica pode ser compreendida como um instrumento fundamental para ressignificar a concepção de infância, promover o desenvolvimento profissional dos educadores, transformar as práticas pedagógicas e subsidiar processos de investigação educativa. Desse modo, registrar os momentos significativos da prática através de fotos e também do presente relato contribuiu para a observação atenta e a descoberta da criança como sujeito da ação pedagógica. Refletir sobre as práticas pedagógicas é fundamental para a desconstrução de pedagogias convencionais e a construção de pedagogias participativas, que respeitem a criança como coconstrutora de sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Parece haver certo consenso entre os pesquisadores da infância a respeito da importância do contato com os textos literários desde a mais tenra idade. A contação de histórias favorece o desenvolvimento da linguagem e do gosto pela leitura, estimula a criatividade e a imaginação,

ajuda a criança a lidar com a realidade, dentre muitos benefícios já amplamente reconhecidos. Contudo, a maneira como contamos essas histórias e as apresentamos às crianças pode empobrecer ou enriquecer esse contato.

A Educação Infantil carece de práticas pedagógicas que considerem a criança como protagonista e coconstrutora de sua aprendizagem, estimulando seu envolvimento e participação ativa. Nesse sentido, é preciso não apenas contar as histórias, mas permitir que as crianças as vivenciem e com elas se envolvam. Experimentar é sentir, é tocar, é agir, transformar, interagir. Elaborar propostas que valorizem o potencial criativo das crianças implica reconhecer que, desde muito cedo, elas são capazes de estabelecer relações e interagir com o mundo. As crianças vivenciam experiências repletas de significados, expressando-se por múltiplas formas de linguagem, as quais se tornam plenamente visíveis em contextos educativos favoráveis, que possibilitem a ampliação e o aprofundamento dessas experiências.

Espera-se que a vivência aqui descrita desperte reflexões no sentido de uma pedagogia mais participativa, e possa inspirar outros educadores no desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizem a autonomia e o protagonismo das crianças, aproveitando todo o potencial da contação de histórias para promover experiências significativas às crianças da Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES, aos professores do curso de Licenciatura do IFMG *Campus* Ouro Branco e à equipe da Creche Municipal Geraldo José Vieira por nos proporcionarem, através do PIBID, experiências tão ricas e cheias de significado para nossa trajetória de formação docente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.





ALVES, R. Ensinar a alegria. In: *A alegria de ensinar*. Ars Poetica, 1994. p. 8-12

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 out. 2025.

BORTOLOZO, C. R. F.; ROCHA, M.S.P.M.L.. A educação infantil entre contos e recontos: possibilidades discursivas (des)envolventes. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 23, p. 1-19, 2023.

COLLA, R. A. O brincar e o cuidado nos espaços da educação infantil: desenvolvendo os animais que somos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 100, n. 254, 17 abr. 2019.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. *Em Aberto*, Brasília, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez. 2017.

FOCHI, P. *Afinal, o que os bebês fazem no berçário?* Porto Alegre: Penso, 2015.

FOCHI, P. S. Criança, currículo e campos de experiência: notas reflexivas. *Conjectura filosofia e educação*, v. 25, n. dossie, p. 52-72, 30 dez. 2020.

FOCHI, P.; REDIN, M. Explorar e interagir com o mundo: os materiais na educação infantil. In: FOCHI, P.; REDIN, M. (Eds.). *Infância e Educação Infantil II: Linguagens*. Porto Alegre: Unisinos, 2014. p.51-64

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creches*. Porto Alegre: Artmed, 2006

GUIZZO, B. S.; BALDUZZI, L.; LAZZARI, A. Protagonismo infantil: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha. *Educar em Revista*, v. 35, n. 74, p. 271-289, abr. 2019.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. et al. (Orgs.). *Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 13-36.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. Pedagogia-em-Participação: a documentação pedagógica no âmago da instituição dos direitos da criança no cotidiano. *Em Aberto*, v. 30, n. 100, 18 jun. 2019.

SILVA, J.R.P., HERMIDA, J.F., CALÁBRIA, N. Alfabetização e Letramento nos Contos de Fadas. In: HERMIDA, J.F. *Educação Infantil: Fundamentos*. João pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.P.143-157

VIGOTSKI, L. S. *O desenvolvimento psicológico da criança*. Trad. do espanhol Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998



